

humanitas

Vol. I

IMPrensa DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA
COIMBRA UNIVERSITY PRESS

FACULDADE DE LETRAS DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA
INSTITUTO DE ESTUDOS CLÁSSICOS

HVMANITAS

VOLUME I

PUBLICAÇÃO SUBSIDIADA PELO «FUNDO
SÁ PINTO» (UNIVERSIDADE DE COIMBRA)

COIMBRA // MCMXLVII

sobre temas geográficos. Homero, Cicero e Virgilio sito comentados com auxílio das Cartas das Missões.

A contribuição portuguesa, resultante dos Descobrimentos e Conquistas, é incontestável e acabará por abalar o prestígio de Aristóteles. Pelas informações de missionários portugueses ou estrangeiros ao serviço de Portugal, a Companhia estabelecerá muitas vezes a sua orientação definitiva. A experiência triunfa da autoridade. A imagem do mundo alarga-se. Os Jesuítas aceitam favoravelmente os novos factos. O conhecimento directo e aprofundado das regiões descobertas é indispensável para a pregação da Fé: a geografia é posta ao serviço da salvação dos infiéis.

Pelos meados do século xvii a geografia descritiva declina e o Humanismo acompanha a sua decadência.

Luís de Matos

Ernesto Faria — *A. Renovação Actual dos Estudos Latinos*, 41 pp. Rio de Janeiro, 1945. — *O Latim e a Cultura Contemporânea*, 258 pp. Rio de Janeiro, 1941.

O opúsculo a que acima inicialmente nos referimos constitui uma oração de sapiência proferida pelo autor na Faculdade Nacional de Filosofia da Universidade do Brasil.

Membro da mesma Faculdade e naturalmente qualificado para tratar o assunto com a autoridade do seu saber e da sua experiência Ernesto Faria procurou sintetizar em poucas palavras, limitadas pelas circunstâncias a que se destinavam, algumas das ideias fundamentais que mais de espaço expusera na sua obra anterior — *O Latim e a Cultura Contemporânea*. E, porque este último tema se reveste para nós de uma actualidade inegável, atentas as aspirações de reforma dos estudos secundários e superiores, não será certamente inútil fazer a esta obra de Ernesto Faria uma referência mais larga, por tudo quanto ela contém de elementos capazes de esclarecer a opinião pública portuguesa.

Ernesto Faria é professor de latim desde 1923. O conspecto das suas obras já publicadas ou em vias de publicação denuncia da sua parte, ao lado de uma preparação científica actualizada, uma orientação didáctica deveras louvável, condicionada pelas necessidades do ambiente cultural brasileiro e, por isso mesmo, mais directa e proficiente.

Figuram entre as suas obras não só aquelas que poderíamos considerar subordinadas a intuítos de divulgação histórica e literária greco-latina, como também outras de intenção escolar mais determinada. Em todas elas é fácil descobrir que Ernesto Faria se apresenta familiarizado com as mais recentes aquisições da filologia clássica, mas que também não perde de vista os problemas da educação e da cultura em geral. A sua experiência do magistério dá às suas publicações um sentido utilitário, no

significado didáctico da palavra, sem que por isso percam a segurança científica imprescindível. O *Vocabulário Latino-Português*, que data de 1943 e que veio suprir uma grave lacuna nos livros escolares dos nossos estudantes, revela ao mesmo tempo uma informação filológica actualizada e um claro sentido da didáctica mais moderna. *O Latim e a Cultura Contemporânea*, por sua vez, adquire uma feição mais geral, torna-se um livro de divulgação inteligente e, ao mesmo tempo que informa e esclarece, mostra-nos que o seu autor não utiliza o saber greco-latino como instrumento sem ponto de apoio, antes sabe referi-lo a outros problemas da cultura e dar-lhe o alargamento de horizontes necessário.

O Latim e a Cultura Contemporânea está subdividido em duas partes fundamentais : 1 — *A questão do latim*; 11—^{4s} *modernas directrizes do ensino do latim*. E estes dizeres poderiam levar-nos a imaginar que o autor se gastou a repetir fórmulas retóricas de defesa dos estudos humanistas ou que, quando muito, se dispôs a relembrar em termos modernos esses imponderáveis elementos formativos das línguas antigas, em que geralmente têm assentado os partidários destes estudos. Sem dúvida, o autor não se esqueceu de carrear para a sua obra os vários elementos de informação susceptíveis de iluminar o problema. Mas a sua atitude foi mais inteligente e objectiva e, por isso mesmo, mais convincente.

Toda a primeira parte do seu trabalho é uma larga resenha da real situação do estudo do latim, nos grandes centros culturais da Europa e da América, e das alternativas de favor e desfavor por que tem passado, após o advento dos estudos modernos. Ela só chega para nos informar de que muitos argumentos actuais e contrários ao estudo do latim não passam de uma reedição de outros já feitos em velha data, e já de há muito rebatidos pela experiência de diversas nações. Da leitura desta primeira parte, fica-se com a certeza documentada de que não há que fazer experiências onde elas já foram feitas e avaliados os seus resultados desastrosos.

Mas Ernesto Faria não se limita a documentar historicamente este capítulo dos estudos latinos. Vai também buscar a força das suas razões a relatórios oficiais do *Bureau International d'Education* e aos resultados estatísticos e decisivos da *Classical Investigation*, realizada há poucos anos nos Estados Unidos, com aqueles apuros de técnica e com aquela amplitude a que estamos habituados. Procura, e com êxito, chamar à liça aqueles mesmos que, por sua formação científica moderna, mais desfavoráveis poderiam julgar-se aos estudos clássicos. E, para que não pareça ocultar os argumentos contrários e as opiniões adversas, não deixa de registar umas e outras, sem os rebater com mais ou menos habilidosa ginástica verbal, mas contrapondo às razões alheias os dados da experiência já verificados.

Registe-se, porém, que Ernesto Faria não cai no exagero sentimental dos que, a todo o pano, pretendem reviver tempos que não voltam e recriar circunstâncias culturais impossíveis e retrógradas. Gomo pedagogo avisado, não ignora que os extremos são prejudiciais a qualquer obra de formação, que só pode existir onde existir equilíbrio. Não deseja

que os estudos humanistas se tenham por antagónicos das humanidades modernas, e estas daqueles, antes confirma a necessidade de uma cultura harmoniosa, que as truculencias de espíritos apaixonados, politicamente responsáveis, não têm deixado constituir seriamente.

Toda a primeira parte da sua obra tende a mostrar que grande número dos argumentos apresentados contra o ensino do latim derivou da resistência posta por este e pelos que representavam a tradição pedagógica ao ensino e conhecimento das ciências modernas. Desta atitude de antagonismo é de quase monopólio das letras clássicas se tem vindo a cair no extremo oposto, com visível prejuízo da formação integral do homem. Esta nova querela dos antigos e modernos tem-se afastado do ponto em que devia ter surgido e se devia ter mantido sempre: — o da conciliação dos interesses de um e de outro sector do espírito humano. Os mais autorizados representantes do mundo pedagógico, e até do mundo científico, reconhecendo-o, dão lugar marcado ao ensino do latim. E Ernesto Faria, sem defender para este exclusivismos indefensáveis, lealmente reconhece que os objectivos fundamentais do latim são agora diversos, como é diversa a sociedade contemporânea, e que o seu estudo deve fazer-se em ordem às mais recentes aquisições da linguística.

Para grande número de países da Europa e da América, a «questão do latim» não constitui o problema de saber se devem ou não estudá-lo aqueles que desejam adquirir uma cultura intelectual rudimentar, mas um pouco liberta das necessidades materiais mais prementes. A opinião dos responsáveis e dos experimentadores de vários países, de características sociais bastante diversas, não deixa dúvidas sobre a resposta afirmativa.

A «questão do latim», portanto, acha-se reduzida, para nos servirmos das palavras de Ernesto Faria, «a uma simples questão de metodologia do latim, que actualize o seu ensino em função de suas novas finalidades. A novos fins devem corresponder novos meios». E ninguém que tenha prestado ouvidos atentos às objecções erguidas pelos adversários do latim deixará de reconhecer que a maior parte delas deriva de uma realidade pedagógica deficiente, do mau ensino que desse mesmo latim se faz, e não do próprio latim. Terá também nisto parte o exagero de certa corrente pedagógica de precipitadas afirmações, para a qual a menor exigência de esforço e a visibilidade prática e imediata dos conhecimentos são consideradas a panacea universal dos males pedagógicos contemporâneos. Mas, sem dúvida alguma, o que avoluma o movimento de antipatia pelo estudo do latim é a má preparação de alguns agentes do ensino e as más condições de aprendizagem que os programas, a idade escolar e o tempo para ele destinado criaram à sua volta.

Por isso, Ernesto Faria reservou para a segunda parte do seu trabalho o estudo de *As modernas directrizes do ensino do latim*. Mas, como estas não-de estar condicionadas pelos objectivos que se desejam alcançar, logo de início pôs todo o seu cuidado em documentar, não em opiniões de antigos escritores naturalmente influenciados pelo seu tempo, mas nos resultados de inquéritos recentemente feitos a individualidades de vários sectores, esses mesmos objectivos. Assim pôde determinar, sem carácter

dialéctico ou filosófico, mas a partir de dados concretos, os diferentes objectivos do ensino do latim e subdividi-los em objectivos de carácter pragmático, disciplinar e cultural.

Assim fixados estes objectivos por um processo alheio à sua própria opinião, antes de harmonia com as opiniões concordantes de vária origem, Ernesto Faria estava agora em terreno próprio para indicar com o seu saber e experiência os novos caminhos pedagógicos que o latim deveria trilhar em nossos dias. Foi o que fez nos últimos capítulos do seu trabalho, que em grande parte revestem o aspecto de um compêndio actualizado e moderno da didáctica do latim.

Conjugavam-se aqui a sua informação linguística e a sua já larga experiência de professor. Sem dúvida, as indicações que nos dá sobre os textos latinos destinados a edições escolares, sobre a composição, versão e tradução latinas, sobre a orientação linguística do estudo gramatical, sobre a aquisição do vocabulário e sobre o comentário dos textos poderiam ser mais numerosas e pormenorizadas, se o seu intuito fosse esse mesmo. Outras serão, para especializados, de somenos importância. Mas Ernesto Faria procurou sobretudo fazer obra de divulgação, apontar caminhos, orientar futuros professores de latim. E este louvável e benéfico objectivo foi visivelmente alcançado.

Por certo, perante uma obra em que se expõem pontos de vista pessoais sobre a didáctica de uma disciplina, nem sempre a experiência de um professor coincide com a de outro professor. Nem sempre um processo utilizado produz os mesmos efeitos. Nem sempre os resultados concretos da nossa actuação são suficientemente apreensíveis e distintos, para que possamos marcar uma orientação decisiva e outros venham a seguir sem hesitação os nossos passos. Há sempre o imponderável da presença, da irradiação e da capacidade do professor que faz variar todos os outros factores. Mas as orientações mais gerais do ensino do latim, os seus objectivos mais evidentes e o modo de os alcançar estão patentes neste livro, com clareza e com exemplificação suficiente.

É verdade que a obra de Ernesto Faria procura atender às necessidades do público a que se destina e da realidade pedagógica que o rodeia. Por isso também, certas reflexões críticas sobre os métodos de ensino tradicionais deixariam de ter oportunidade e até correspondência à verdade dos factos, se as tivéssemos como referentes a Portugal e a outros países, onde o ensino do latim nos cursos secundários e superiores já de há muito vem beneficiando das luzes da moderna filologia clássica.

Igualmente é verdade que, no propósito de indicar para o ensino do latim directrizes compatíveis com as modernas realidades sociais, poderá parecer que Ernesto Faria teve o intuito de apresentar um latim sem lágrimas, para engodo e atracção de meninos pouco trabalhadores. A eliminação da versão, composição e conversação latinas como processos de aprendizagem — seja qual for a idade e grau dos estudos —, embora defendida pelas figuras intelectuais que cita, poderá merecer diversos comentários segundo pareceres também diversos, e por vezes alicerçados em experiências didácticas não desprezíveis. A utilização de textos neo-

latinos, mais susceptíveis, pelo seu conteúdo, de interessar adolescentes — apesar dos argumentos de outra ordem que podem contrapor-se-lhe —, talvez muito experimentador didáctico a defenda e a aproveite, com bons resultados.

Mas tudo isto são pontos de vista, ângulos de incidência e fontes de reacção que em nada diminuem o valor desta obra de Ernesto Faria, cujo mérito fundamental está em conglobar, em fácil leitura e clara ordenação, os problemas mais instantes do ensino do latim. E poucas vezes o terão sido com tanta isenção e objectividade. Isto nos basta para desejar que esta obra seja largamente conhecida entre nós e contribua para o esclarecimento imparcial de tantos espíritos responsáveis.

F. COSTA MARQUES